

Procuram-se engenheiros

Com o crescimento econômico, a profissão que foi relegada nos anos 90 volta a brilhar. O País tem profissionais para atender a tanta demanda ?

POR LANA PINHEIRO

Rodrigo Bombonato tem 28 anos, um currículo eclético e um futuro promissor. Formado em engenharia pela USP e em economia pelo Mackenzie, ele foi recrutado como trainee pela Suzano Petroquímica. "A formação em engenharia chamou a atenção do diretor de logística, que não perdeu tempo em recrutá-lo", diz João Brillo, gerente de Recursos Humanos da empresa. Bombonato está em treinamento e nos próximos meses terá sob sua responsabilidade a logística do propileno, uma matéria-prima usada pela companhia. "A engenharia me deu visão sistêmica, o que é importante para qualquer indústria", diz ele. Bombonato não está sozinho. Engenheiros recém-graduados, com boa formação cultural, são cada vez mais disputados e já entram no mercado com salários ao redor de R\$ 3 mil. O que não se sabe é se o Brasil conseguirá atender à demanda. Em dez anos, o curso que absorvia 8,7% dos universitários teve sua participação reduzida a 7,5%. "Sem reconhecimento social e financeiro, os estudantes desistiram da engenharia", atesta o professor da Escola Politécnica da USP Márcio Lobo Netto.

No ano passado, o Brasil formou 53 mil engenheiros, incluindo mestres e doutores, contra 500 mil da China e 350 mil da Índia. É por isso que muitos jovens conseguem emprego antes mesmo da formatura. É o caso de Erick Rodrigues, 26 anos, contratado como técnico pela General Motors em setembro – 90 dias antes do diploma. "Em quatro meses passei de estagiário a funcionário da engenharia de produto e qualidade", diz ele. "Até setembro precisamos preencher 100 vagas", confirma Pedro Manuchakian, vice-presidente de engenharia da GM. "Há um forte desencontro entre a disponibilidade e a demanda", afirma Gábor Deák, presidente da Delphi que também está contratando. Só a Petrobras demandará 20 mil engenheiros nos próximos anos. A Dedini, que produz equipamentos para usinas de álcool, aumentará seu quadro em 30 engenheiros. E a Camargo Corrêa tem 300 vagas. "A construção está vivendo um boom e se o Brasil crescer 4% o mercado irá estourar", diz Mauro Costa, diretor da companhia. Na Cyrella, isso já aconteceu. "Daqui a dois anos, quando os lançamentos de hoje começarem a ser construídos, faltará engenheiro civil", diz o diretor Paulo Mota.

Apesar da demanda aquecida, as empresas não abrem mão do rigor na contratação. Leticia Timpone, escolhida pela Camargo Corrêa, passou por mais de seis etapas de seleção. Sua formação em engenharia civil com pós-graduação na USP, assim como a experiência em orçamento e em obras, foi determinante. A mesma empresa trouxe o engenheiro Eduardo Dobbin, de 58 anos, 30 deles na profissão, para fazer parte de seu quadro. "Estão pegando gente capacitada no laço", diz ele. "Situação tão boa assim só vi na década de 70."

Diante da pressão das empresas, o governo resolveu investir na formação dos profissionais. O Programa de Desenvolvimento e Modernização da Engenharia ganhou orçamento de R\$ 40 milhões. "Além do problema quantitativo, ainda há deficiências na formação", diz Marcio Rillo, reitor da FEI, uma das principais escolas de engenharia do País. Quando a necessidade da empresa é bastante específica, o cenário piora. A Companhia Vale do Rio Doce está em pleno processo de expansão e se defronta com gargalo de engenheiros especializados em minas. "Recrutamos os profissionais de maior potencial e oferecemos pós-graduação em mineração", diz Tatyana Lima, gerente da companhia. Isso pesou na balança da engenharia Milena Morim, que desistiu do mestrado no Rio de Janeiro para ser trainee na CVRD. "Agora vou fazer um mestrado voltado para a área de mineração." Sinal de que a engenharia voltou a brilhar.